

BRANQUITUDE: O QUE É ISSO? E POR QUE ESTUDÁ-LA? WHITENESS: WHAT IS IT? AND WHY STUDY IT?

Andréa B. C. Mongeló

LIVRO: ENTRE O ENCARDIDO, O BRANCO E O BRANQUÍSSIMO: BRANQUITUDE, HIERARQUIA E PODER NA CIDADE DE SÃO PAULO

AUTOR: LIA VAINER SCHUCMAN

SÃO PAULO: VENETA, 2020, 216 P.

O debate racial está cada vez mais presente na sociedade, chegando às pesquisas na universidade, e mais recentemente, mesmo que ainda muito timidamente, nas instituições de psicanálise.

O livro de Lia Wainer Schucman, resultado de sua tese de doutorado, traz contribuições muito instigantes sobre o tema, já que aborda a questão racial a partir de um outro ângulo: a identidade branca. A primeira edição do seu livro é de 2013, mas sua atualidade é indiscutível.

Partindo de constatações sobre nossa realidade, como, por exemplo, o fato de pessoas negras ocuparem tão poucos espaços de poder na sociedade, e de os lugares de brancos e negros serem tão diferentes, Lia toma um caminho inverso: coloca os brancos no centro do debate. Ao aprofundar o tema em sua tese de doutorado, a autora deparou-se com os Estudos Críticos da Branquitude que surgiram na década de 1990, nos Estados Unidos, como uma virada epistemológica nas análises sobre raça e racismo. Ao contrário do que ocorria anteriormente, quando apenas o sujeito não-branco era tomado como objeto de pesquisa, esses estudos colocaram foco nos aspectos culturais, históricos e sociológicos da identidade branca. O poder simbólico da branquitude passou, assim, a ser estudado, e resultou na identificação de um sistema de dominação e de opressão que faz com que brancos tenham mais poder que negros, já que todo esse sistema é baseado no que o branco pensa.

O primeiro capítulo apresenta a pesquisa de Lia, e desde então podemos acompanhar como o tema e sua posição como pesquisadora possuem uma imbricação singular e significativa. O campo em sua pesquisa não é um local específico, é um “campo-tema”, como ela define. A pesquisa é realizada, portanto, em diversos tempos e lugares, incluindo inclusive experiências pessoais da autora, assim como entrevistas e relato de observações do dia a dia. Sua pergunta aos entrevistados: O que é ser branco para você? Em alguns desses relatos vemos momentos de associação livre dos entrevistados, revelando pensamentos e ideias, talvez ainda nem bem articulados para eles próprios, mas que vão evidenciando exatamente o que a autora busca mostrar: o lugar da branquitude.

A definição do termo branquitude ocupa o segundo capítulo do livro, e vamos tomando contato com o conceito de branquitude não como sinôni-

mo de pessoas de pele branca. Lia vai nos ajudando a compreender como a brancura da pele não seria nada sem o racismo, não teria nenhum significado, seria apenas uma característica física da pessoa, mas que passa a ter significado quando pensamos em uma estrutura de poder. Branquitude é quando essa brancura da pele se apropria da ideia de raça, e determina que os brancos são superiores moralmente, intelectualmente e esteticamente. E a branquitude se refere a essa estrutura de poder, onde os brancos têm em suas mãos o controle das decisões políticas, econômicas e até mesmo da produção de subjetividade no tecido social. A branquitude ocupa o lugar mais elevado da hierarquia racial, que tem o poder de classificar os outros como não brancos, e assim inferiores.

O capítulo sobre raça e racismo apresenta uma revisão conceitual e histórica sobre o tema no mundo, mostrando ao leitor como foi construída a ideia de raça no século XIX, e quais seus efeitos na contemporaneidade brasileira. Lia vai explicar que essa ideia de raça é construída através de uma ideia de que um fenótipo, qualquer fenótipo, tem a continuidade moral, intelectual e estética, com a atribuição de um comportamento a ele.

A seguir acompanhamos a autora na formação étnico-racial da cidade de São Paulo, assim como a construção da branquitude nesta. Dados do Censo e IBGE, como renda familiar, distribuição geográfica e índice de desenvolvimento humano, ajudam a entender a organização das populações brancas e não brancas na cidade mais populosa do país.

A partir do relato das falas dos entrevistados, Lia passa a abordar o que ela chama de aspectos psicossociais da branquitude. A ideia de uma superioridade moral e intelectual é trabalhada e claramente expressa por um entrevistado que relaciona o significado de ser branco a atitudes morais do cotidiano: "... eu acho que nas atitudes os brancos são melhores. Nas atitudes, de agir na vida, os brancos são melhores. Pra falar a verdade, num é porque sou branco, mas acho que os pretos são mais violentos que os brancos" (p. 130). Lia vai em direção ao que Grada Kilomba (2019) também afirma, que a imagem do negro se constrói em oposição ao branco, e o que este não deseja ver em si é projetado no negro.

As formas de manutenção de poder da branquitude também são demonstradas, e é possível perceber que os entrevistados sabem do seu privilégio em relação aos não brancos. Mas afirmam não ser protagonistas de atitudes racistas e, por esse fato, não reconhecem que são favorecidos por atitudes racistas de outros. São falas fortes e ao mesmo tempo comuns, que talvez já tenhamos escutado inúmeras vezes, ou quem sabe até dito muitas delas.

Os últimos capítulos reservam ideias de possibilidade de desconstrução do racismo e perspectivas de novos estudos sobre a identidade branca, ainda muito necessários, principalmente no Brasil.

É um livro que produz uma cascata de questionamentos e reflexões, que a meu ver acontecem porque questionam esse lugar confortável da branquitude, o lugar de cada um de nós, brancos. O que será que nos levou a não nos percebermos racializados por tanto tempo? A resposta de Lia é justamente o que nos deixa incomodados, os benefícios que desfrutamos de estar nesse lugar. Entendo que nesse ponto a autora traz sua maior contribuição provocando desconforto, ainda que talvez inicialmente apenas intelectualmente, para quem sabe, em um movimento posterior, nos interrogar sobre os privilégios simbólicos e materiais contidos nessa identidade. Sempre lembrando que admitir

RESENHAS

que temos privilégios não significa que consigamos renunciar a eles imediatamente. Mas se faz necessário que avancemos nesse sentido, e o livro de Lia nos move nessa direção.

REFERÊNCIAS

Kilomba, G. (2019). **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó.

Psicanalista. Graduada em Psicologia (1992) e com especialização em psicoterapia psicanalítica (1999) pela UNISINOS. Membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. E-mail: abcmongelo@hotmail.com